

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--17 de Novembro-1927

**5 TOSTÕES**

**2.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**78**



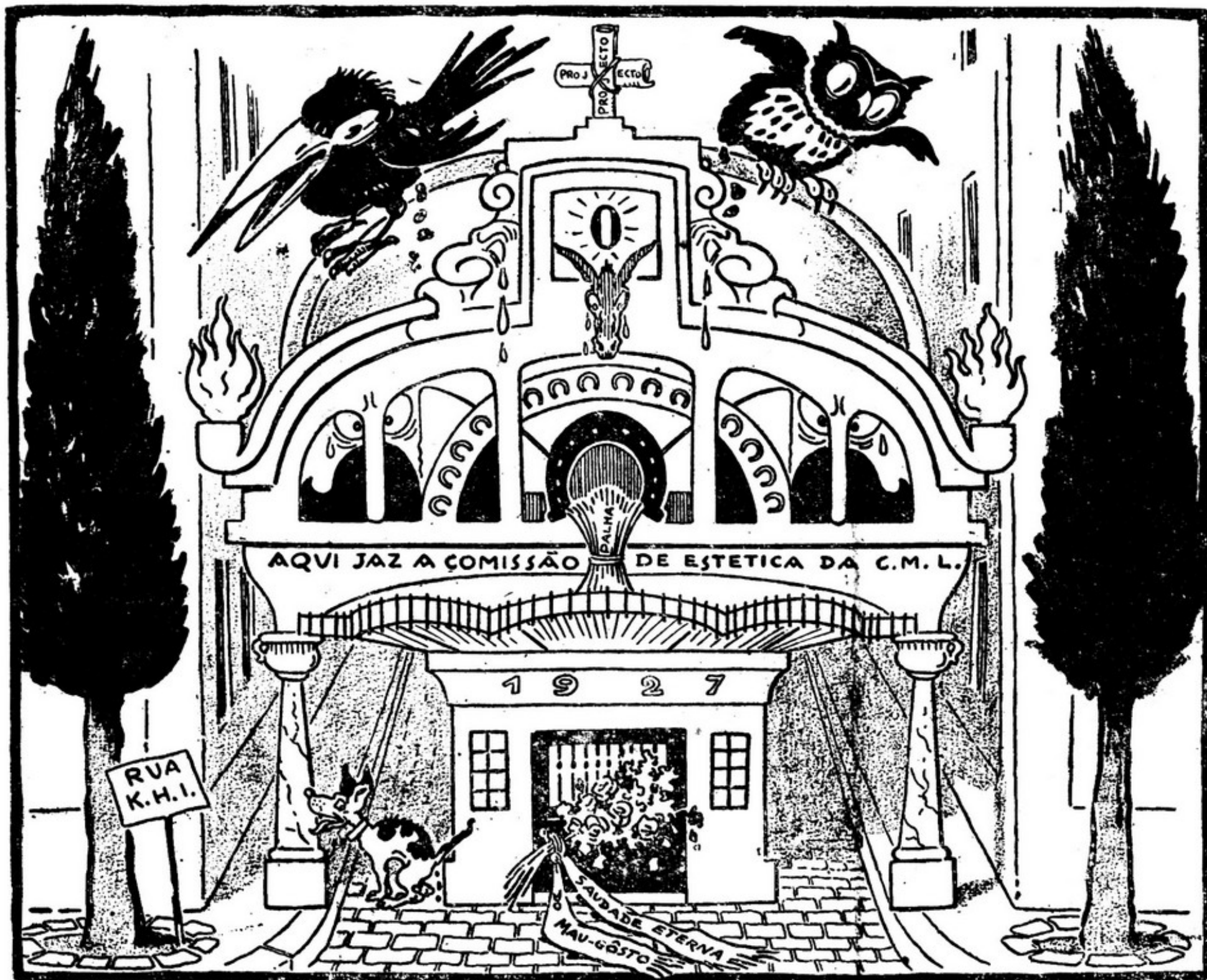
sempre  
**five** semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDAÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# MORTE IN «GLORIA»



Paz pôdre á sua alma! Que a terra lhe seja tão pesada como a cupula do mostrenço!





## Os ditos da semana



Mais uma vez, pelos azares do destino, suspende o *Sempre Fixe* o seu riso, neste local, prestando a sua homenagem sentida, ao adorável poeta e ao diplomata ilustre que acaba de regressar á Patria no frio ataúde que ha de guardar para sempre os seus restos mortais. Antonio Feijó, dorme o seu ultimo sono na verde e florida terra do Minho onde nasceu, cujas belezas sentiu e cantou comovidamente, como grande poeta que era.

O *Sempre Fixe*, juncando de flores a sua campa, não pode esquecer que Antonio Feijó foi o poeta admiravel das *Bailatas*, livro precioso e modelar de humorismo, onde se revela, a par da alma de um verdadeiro poeta, a graça espontanea e viva de um *gentleman-blagueur*.

Que as flores da sua cova lhe velem a morte tão amavelmente, como amavelmente ele as soube cantar.



Ainda não está marcado o dia em que deve começar a demolição da gaiola da Calçada da Gloria.



Lá ia indo absixo o Bairro da Liberdade. Por pouca saúde mais valia nenhuma.

Não havia nada mais justo. Efectivamente não se compreende a Liberdade circunscrita a um bairro, por mais vasto que ele seja e por mais livres que sejam os cidadãos que o habitam,

Desde que Lisboa não pode ser a cidade da Liberdade por excelencia, desde o Dafundo ao Poço do Bispo, também não vale a pena andar a brincar aos paizes civilizados, só num bocadinho da sua área.

E aqui põe o *Sempre Fixe* o seu ponto de vista com toda a clareza: é pela doutrina e filosofia do sapateiro de Braga.

Ou ha liberdade para todos, ou abaixo o Bairro da Liberdade.

De mais, o sitio tinha sido mal escolhido e a Liberdade que ali se gosasse nunca poderia ser completa. Ha de ser sempre uma Liberdade limitada por conta-gólas ou por contadores de pressão. Então faz lá sentido que se edifique o Bairro da Liberdade exactamente no sitio que, por irrisão do destino, se começou a chamar das Aguas Livres precisamente depois que as Aguas estão prezas no Aqeduto?

E' sempre assim em Portu-

gal. Quando se ouve vivas á Liberdade, já se sabe que vai alguém parar á cadeia.



A moda feminina reduziu a produção das fabricas de tecidos. Com vinte centímetros de fazenda veste-se uma mulher, mas os pais e os maridos continuam a pagar os vestidos pelo preço de peças de brocado.

A grande moda manda pôr os joelhos de fóra, descobrir a parte mais inestetica da perna da mulher, como convem aos bons costumes, para que nem tudo sejam tentações das que fazem perder a cabeça e achar o dr. João Eloy a aplicar multas de quatrocentos escudos.

A mulher resolveu encur-

tar os fatos para acrescentar os seus encantos. As saias são curtas, os cabelos são curtos as mangas são curtas, e curtas são as cinturas, como são curtas as ideias que os cabelos cobrem. Compridas são só as linguas, e essas mesmo, não vão além dum palmo, para relativo socego dos homens.

E agora, para se darem ares de que as saias não são inteiramente curtas, fazem-nas compridas dum lado, embeçadas e descuidadas, que é a maneira que as saias tem de deitar a lingua de fóra aos cubiçosos.



Ha uns poucos de anos que a imprensa e a opinião publica reclamam um abrigo para os passageiros do ascensor da Calçada da Gloria. Até hoje ainda a Companhia dos Electricos não deu um unico passo nesse sentido.

Quem tem de esperar o elevador, nestes dias chuvosos de inverno, sujeita-se a ficar sem um fio enxuto.

Dantes ainda a gente se abrigava numa porta da Avenida da Liberdade e quando ouvia o batallar da campanha, lá ia numa corrida tomar o carro, sem precalços de maior; mas agora tornam-se impossiveis esses marotonicos expedientes, porque obstruíram o caminho de tal forma, que, só em bicha, a um de fundo, se pode entrar na Calçada, com todas as demoras provenientes da aglomeração de velhos e velhas, erianças e praças não graduadas e das competentes trouxas e embrulhos.

O *Sempre Fixe* reclama, pois, a construção dum abrigo para os passageiros, ou uma redução no preço da Aspirina Bayer e do chá de borragem.



— Eu, desde que meu marido é empregado da Companhia das Aguas, e vê como a agua é desinfectada, nunca mais a fevi.

— E não tem medo do tifo?

— Não. Ele manda-a vir de Cintra aos garra-fões.



# Foot-ball

Mal é apontam no horizonte  
As primeiras do arrebol.  
Já, na cidade ou no monte,  
junto á praia ou junto á fonte,  
Se arreda o foot-ball.

Ha para ali muito jogo  
Que não vale um caracol  
E arranja adeptos logo...  
Ah! mas amado com fogo  
Só o belo foot-ball.

Faz-se sempre com ardor.  
Ao vento, ás chuvas, ao sol.  
Cria em nós força e vigor  
E chega a fazer furor  
O querido foot-ball.

Dos bons jogos, ele está  
Na cabeceira do val  
E, com franqueza, por cá,  
Inda não houve nem ha  
Coisa igual ao foot-ball.

Eu... inda gosto, co'a breca!  
Embrulho-me em cachê-col,  
Ponho um chapéu na careca  
E percorro *Stea e Meca*  
Só p'ra vir o foot-ball.

Ha mesmo quem não se farte  
Do jogar o foot-ball...  
Pona é que a maior parte,  
Por falta de *engenho e arte*,  
Jogue apenas *chiec-ball!*...

Hido.

**Sortes grandes?**  
só o PINA as vende  
75 -- Rua de S. Paulo -- 77

## A NOVELA DO "FIXE" UMA CONQUISTA

Aristides Gaspar, funcionario publico e bom rapaz, é uma pessoa que nasceu e vive para conquistar mulheres. Sem escolhas nem preferencias pueris, atira-se desalmadamente a tudo que lhe caia sob o monoculo arrogante, que é talvez o segredo da sua sedução... Tem, segundo conta, um processo infalivel de lhes captar a confiança, que consiste em, logo após dois ou três dias de namoro, lhes pedir autorização para ir falar ao respectivo papá, mamã, enfim, ou tutor ou encarregado da fiscalização da donzela. As pequenas, segundo ele diz, nunca querem. Recios da familia, acham cêdo ainda, o papá tem muito mau gênio, a mamã é boa mas não quer que ela namore—eis os motivos. De cem em cem, lá aparece uma que consente e aprova que ele o faça. E o Aristides, heroicamente, abnegadamente, desiste do namoro. Quando elas não querem, o Aristides não vai—para lhes fazer a vontade, é claro...—e elas ficam contentes e confiadas, porque um homem que se propõe ir falar com a familia anda, indiscutivelmente, com boas intenções...

Uma vez captada a confiança do insecto (sic), o resto, diz ele, é cá comigo.

Ora, um dia destes, o Aristides arranjou na paragem fronteira ao teatro Nacional um namoro singular.

Viu-a, achou-a, tirou da algibeira uma daquelas cartas modelo 1, de que andava sempre munido, e enviou-lha por um ardina que passava.

A dama leu, ou fingiu que leu, e lançou-lhe um olhar que se poderia traduzir por: «Vem cá, não tenhas medo...»

O Aristides exultou—e aringou. Sem mais preambulos nem respeito pela «Protectora», a dama entrou a malar...

—Aceito o amor que me oferece caso o cavalheiro me queira vir namorar ap'ra bom fim.

—Eu irei namorá-la pata onde v. ex.ª quizer, nem que seja para a China—interrompeu prontamente Aristides.—E se v.ª ex.ª duvida que as minhas intenções sejam puras como uma flôr de laranjeira, estou pronto a ir falar ao seu papá, a fim de lhe provar...

—Pô's Balla muito bem—interrompeu a dama—porque meu pai, que eu aqui aguardava, acaba de chegar.

E chamou alto:—«O' papá! Papá!» O Aristides, assombrado, viu aproximar-se um respeitavel cidadão de bigodo hirsuto e cara de poucos amigos, a quem a menina se dirigiu sorridente, e elucidou, apontando Aristides.

—Este senhor quer falar com o papá Aristides olhou em roda, em busca de qualquer buraco por onde se sumiria de bom grado. Como o não visse, quiz ser forte. Estendeu a mão ao sogro em perspectiva, quiz falar, engançou-se—teve um espirro sistema «Fly-tox» e conseguiu por fim balbuciar:

—Eu, meu caro senhor, desejava imonso falar com sua filha, para lhe comunicar que simpatizo inenso com v. ex.ª e que de boa vontade uniria a minha sorte á sua...

Não ponde dizer mais. O pai da donzela deu, furioso, um passo á retaguarda. Mediu Aristides do alto a baixo e bradou com voz de estentor... «Minimax».

—Simpatiza comigo, seu tratante! Com quem julga você que está falando?... Você precisava era que eu o mandasse prender e enviar ao dr. João Eloy!

E corrido, envergonhado, ante os olhares e as risadinhas do troço dos transeuntes, Aristides Gaspar, funcionario publico e bom rapaz, enfiou em primeira velocidade para Santo Antão...

Anibal Nazaré.

## Perguntas ingenuas Afirmações irrefutaveis

—Já viu, porventura, alguém a côr do fato do corpo... de delito?

—Se um homem sem uma mão é *maneta*, um boi sem uma haste não será *corneta*?

—Um marreco nunca pode estudar direito!

—Pode-se, ou não, dar um golpe... de vista?

—Os guarda-nocturnos devem ser sempre compridos... para durarem toda a noite.

—Porque é que o queijo cheira a... pés, se não usa calçado?

—Do que será feito o eixo da terra? De pau ou de ferro?

—Dizem que o dr. Brito Camacho não se lava. Intrigas!

—Porque é que tu, estando *grosso*, és fino?

—Para que serve a *Carteira de Jornalista*?

—Quando uma posição fecha, pode-se ou não comentar a ex-*posição* dos quadros?

—Porque é que ás cadeiras da ilha se chama do Madoira, se elas são do verga?

—Se o sol é maior do que a terra, porque teima corta gente em usar guarda-sol?

### AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

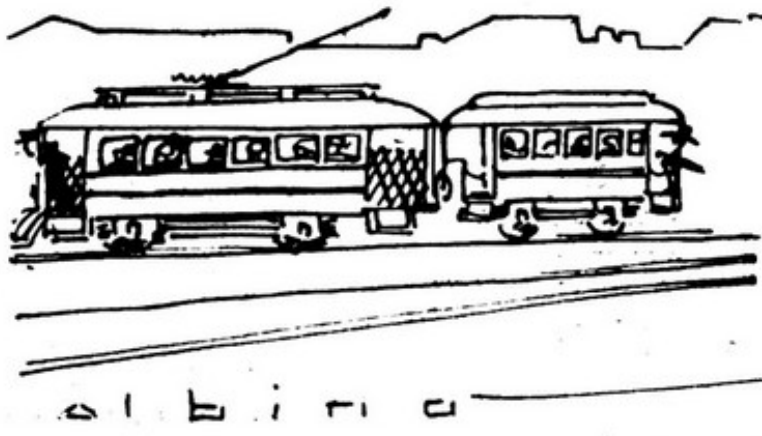
são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5532) á Estofaria)



—Este carro vai para Algés?  
—Não senhor. O de trás é que vai.



—O' sr. condutor, já estamos em Algés?  
—Qual Algés! Estamos em Xabregas.

## CANTINHO DA RIBALTA

IV

### OS VELHOS (sem sobrescrito)

Os velhos!... O' que sucia de ignorantes!  
Que estupidos! Que alarves!..., Desalmados!!!  
Garrett. Antonio Enes... Que atrazados!  
Cascaes, Mendes Leal... O' que farçantes!!!

Quem viu o que, em teatro, se fez dantes,  
e vê, agora, os Nunes consagrados,  
conclue que, Antonio Pedro e outros colados,  
não f... mais que insipidos feirantes.

Hoje—o talento—assombra os Marcelinos,  
os Camaras e outros mais cretinos  
que se disseram—tôlos—bons autores!

E então os Epifanios mais os Tassos?  
Não foram mais que estupidos palhaço  
a par destes... novissimos actores.

Apanha Cantinhos.



—Sim, senhor. Ia pelo menos a 80 á hora.  
—E eu digo-lhe que não pode ser.  
Ainda não ha dez minutos que sai de casa...



—Ora veja o meu retrato equestre.  
—Belo instantaneo!  
—Como sabe que foi um instantaneo?  
—Porque o apanhou a'nda em cima do cavallo...





### O LEITE DE CABRA

Pigmaleão era um amador de bric-à-brac que levava os dias a procurar preciosidades para aumentar a sua já vasta colecção de antiguidades, cuja materia prima é, na sua maior quantidade, constituída por hastes de animais de todas as especies e feitos.

Na sua selecta colecção deveria figurar ele proprio como o *specimen* mais raro, devido ás aventuras successivas de sua esposa, que o fizera envelhecer e tomar uma *patine* de objecto antigo digno de um verdadeiro musen.

Pigmaleão, desiludido pelas infelidades matrimoniais, começou a duvidar de tudo, até do proprios objectos antigos que eram a sua perdição! Já os não comprava com aquele entusiasmo de outr'ora. Mirava-os, tornava a mirá-los e, como duvidava de tudo, acabava por desistir de os comprar.

Um belo dia, tendo-lhe morrido um tio na provincia, na terra onde Pigmaleão fóra educado, viu-se forçado a partir inesperadamente para tratar da herança com que fóra contemplado, e tão precipitadamente o fez que nem tempo teve de jantar. Quando lá chegou, sentindo-se quasi a desfalecer de fraqueza, procurou uma leitaria para tomar um copo de leite de cabra, unico de que gostava.

—Você traz-me meio litro de leite de cabra?—disse ele ao empregado.

O homem foi-lhe buscar o leite, ainda espumante de ter sido mujido naquele momento, mas Pigmaleão, sempre cheio de duvidas, perguntou-lhe desconfiadamente, depois de pagar:

—Veja lá não me engane! Isto é de cabra?...

—Antes do senhor me pagar, era de cabra; agora é... do senhor...



—Mostraste-te frio com a minha mulher... Não me irrites. Querias que a abraçasse?!

## DA GERAL...

# A gran-proesa de um criado de quarto S. Ex.º o Microbio!

Sobe o pano e o publico fica extasiado com a beleza do scenario e, quando todos imaginavam que ia aparecer o *Viriato*, veem chegar o José Alves da Cunha, de espartilho e rejuvenescido pelo processo do dr. Voronoff. Entram depois o Carlos de Oliveira e o Ribeiro Lopes, fazendo este a apologia do *Ford*. Veem com eles a D. Velez e a D. Berta, que tom umas costas mais lindas que duas Costas da Caparica. E que lindos vestidos!! Alguns espectadores afirmavam serem de papel, mas eu convenci-me do contrario quando vi a factura do Guarda-Roupa. Não eram de papel nem de seda, mas sim de ouro!! A D. Berta insulta o José Alves mas ele, como aquilo era da peça, não fez caso.

Sãem todos e entra o presidente da associação dos Calefeiros Maritimos, que é, sem tirar nem por, o João Calazans. Este discute com o Cunha e sai pouco depois, protestando indignado, por o sofá ser tão alto. José Alves faz um exame ás meras-solas da Gran-Duqueza, esta irrita-se e esboça-se um temporal. Depois de uma scena muito reinadia, o Luis Pinto descobre que o colar da Gran-Duqueza era autentica chinesa e o acto acaba quando a gente menos espera.

Alves da Cunha é atorçado em toda a linha pela paixão fofa da Branca Richeiti que, aqui para nós, continua a ser uma criada e pãras. Recusa aceder aos seus rogos, alegando ter medo da D. Berta e não gostar de *fitas* dentro do teatro. A Branca fica despeitada e, para disfarçar a comoção, diz ao José Alves que faça uns laços na camisa que D. Berta usou quando tinha dez anos de idade. O pobre lacaio sente-se desmaiado aos bocadinhos. A Branca, que tinha saído, entra novamente e diz ao José Alves que vá ter com a Gran-Duqueza ao quarto de banho. Ele vai encavacado por lhe terem dado aquele recado diante do publico e volta á sala para dizer á gente que a Gran-Duqueza estava tão suja que a agua ficara preta. Aqui o publico protestou. Uma senhora branquissima e com uma criada Branca ao seu serviço nunca poderia deixar a agua a cor do café. A D. Berta aparece com a camisa já um pouco mais crescida, que xa-se de dores de cabeça e insulta toda a gente.

Chega o Carlos de Oliveira, com a roseta da Manufacture de Lampes à Incandescença Philips. Acompanha-o Ribeiro Lopes, que por teimosia não ha meio de o largar. Ambos trazem a noticia de haverem sido promados numa cautela de três vintens. Sãem pouco depois porque não havia razão

alguma para terem entrado. José Alves entra de pijama de seda, a fingir que é milionario, e minutos depois rebola-se num sofá com a D. Berta. Felizmente que a chegada da Condessa de Chão de Maças impediu que os dois fossem parar aos Pequenos Delitos. José Alves sai e, quando reaparece, dá a impressão dum daqueles milionarios que a *Paramount* nos apresenta no Tivoli. Comentario de uma espectadora:

—*Oh! que beleza d'homem!*

Cai o pano.

Branca Richeiti finge ser uma inglesa de... Alcabideche e *flirta* com o Luis Pinto, que já fez a operação ao nariz e deixou de ser agiota. O Pinto faz a apologia das bebidas alcoolicas em geral, do tinto em particular e afirma ser o unico rival do Maciste, pois peza mais que o Calazans. Este mete a unha numa garrafa de cerveja... contendo agua. Ao fundo da sala lê-se um aviso tão interessante que dois espectadores perguntaram ao porteiro se aquilo era a sério ou a brincar. Quando menos se espera, aparecem as bailarinas russas, morenas e da cor do carvão e algumas tão magrinhas que parecem o cavalo do Inglês...

Maria Isabel fala pelos cotovelos e, quando já nada tinha para dizer, foise embora. O publico não aplaudiu porque a *claque* havia declarado, forçadamente, a grêve dos braços caídos. Sentam-se á mesa o principe (*Oh!!*) Carlos de Sousa, o grão de bico Carlos de Oliveira, Calazans, Ribeiro Lopes, a Condessa de Chão de Maças, a D. Berta e a D. Palmira Torres, que tem naquela peça um papelão. D. Berta, hoteleira, como quadradinhos de pão de lá mas que por economia não foram comprados no bufete do teatro...

Terminada a ceia, ficam em scena D. Berta e a Condessa. Esta a chorar... por mais, confessa que fóra violentada pela nona vez. Escusado será afirmar que o publico não acreditou. Chega apressado o Alves da Cunha que, armado em sátiro, *s'atira* escandalosamente á D. Berta. Depois de ninguem viu... mas calculou. O pano uma serie de peripecias, ela cai-lhe nos braços e o que se passou depois caiu. O publico saiu satisfeitosimo, o Homem das 5 Horas ficou radiante e o Alves da Cunha caiu nos braços do Gouveia Pinto, chorando de alegria!!!

**Recix.**

P. S.—Por *absolutissima* falta de espaço, só no proximo numero virá a critica ás novas peças em scena.

**R.**

**Vasco de Matos Sequeira.**

Um centimetro cubico de agua, daquela purissima agua da parede, tem, segundo as ultimas análises, nada mais nada menos do que três mil microbios. Quem dis três mil, dis três mil e quinhentos, ou três mil seiscentos e tal...

Os microbios!! Esplendidos nadadores, estes animais propuzeram-se a fazer a travessia do Alviela, como podiam ter pensado em atravessar a Mancha; o certo é que chegaram junto de nós atravez do pote da cosinha, do copo em que bebemos, da tina em que se toma banho e do autoclismo que, nem por ficar tão alto e em tão particular aposento, escapou á furia invasora!...

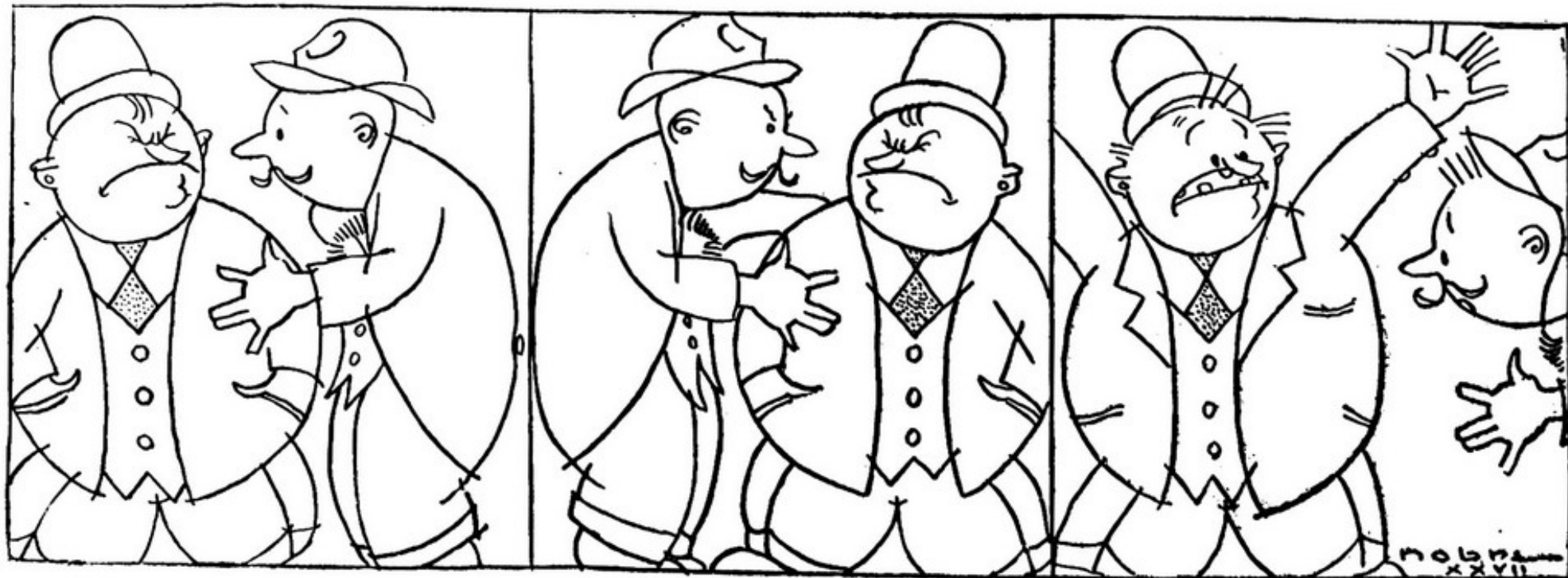
Passou, portanto, o microbio á categoria do animal domestico, e se não tem já um tacho para as sopas e o alguidar da serradura, é porque tanto não exigiu. De resto, todos nós temos por eles uma grande consideração e a prova é que a agua é discutida com muito mais calor do que os paineis.

Os jornais aconselham a gente a fervê-la, a fim de proporcionarmos aos pobres bichinhos uma especie de *chouffage* central, agora que vem o inverno, e do caminho a dar-lh'a bem fervida, não vão eles adoecer do tifo...

Por sua vez, a *Protectora* convence a Companhia a não empregar desinfectantes violentos que possam ir prejudicar o estado de perfeita saude de que gosam os bacilos, *animais nossos amigos*, como diria o poeta Afonso Lopes Vieira...

A agua da Companhia não será bacteriologicamente pura, mas, em todo o caso, é, pelo menos em face do parecer do João Franco da «Brasileira», *microbial*, *radioactiva* e com a superqualidade de matar sem dór os ratos, as pulgas, os percevejos e outros insectos, incluindo o Homem que, não sendo positivamente insecto, é burro o muito burro em bebê-la... E, como á face da zoologia os burros são mamíferos de pêlo, conclue-se e bem que o Homem, apesar de animal, é urso. Exceptua-se o sr. Carlos Pereira, que se lava com Vidago e Vale do Cavalos e que bebe Luso como quem bebe agua...

Nestas circunstancias, ha quem adopte de preferencia e com vantagem o sumo de uva nas lavagens intestinaes e exteriores, e enquanto alguns vão pelo tinto, vão outros pelo branco... O vinho veio substituir as aguas da Curia e de Melgaço porque, segundo rezam as gazetas, estas lavagens dão direito a um policia com a obrigação de levar um sujeito a casa... da familia, mais barato que de taxi...



—Sabes o que te digo? Estou zangado com minha mulher e por isso esta noite não fico em casa.

—Vem cá, hom m, tem juizo! Isso é um péssimo exemplo para os teus filhos!

—Lá isso é! Mas que queres que eu faça, se ela me fechou a porta á chave?...



## Elevador da Gloria

Nem todos os bazares de caridade são de caridade. Muitas vezes são um concurso de beleza, onde ha cada primeiro premio que estarrece o mais puro individuo do continente e ilhas. Vende-se tudo caro: flores, bonecas e beijos. A historia que se vai contar tem um beijo. Melhor, um beijo de engano, aveludado, sumarento, intangivel. A scena passou-se aqui ha anos. Ainda era vivo, perdão, ainda era rei o sr. D. Manoel. Tinha havido uma inundação no Ribatejo. Em vez de vinho—agua. Os povos reclamavam. A corte, que estava em Cascais, obrou logo uma ideia luminosa. Naquele tempo não havia melhor do que os bazares de caridade. As meninas solteiras, na apparencia, podiam mostrar os seus encantos e vender as suas prendas. Umas e outras estavam então muito por baixo.

Fez-se o bazar. Numa das secções, uma senhora elegantissima, afastada do marido, chamava as atenções gerais. Era uma beleza, mas uma beleza com espinhos, defendida por uma matrona hirsuta e peluda, como um granadeiro da guarda imperial. Se a senhora sorria para os aristocraticos fregueses, a matrona estendia, por debaixo do balcão, o braço em submarino e beliscava forte. A beleza fazia-se muito palida, declarando, contrafeita, que estava com dor de dentes. Ficava então mais linda.

A certa altura, em boa altura, passou em frente do improvisado bazar de caridade um velho marquês, seguido dum criado negro.

A dama, que queria bater o record das vendas, perguntou-lhe:

—Então o sr. marquês não compra nada?

—Não posso, minha senhora. Não vê como vou carregado!

E mostrava os embrulhos, as bonecas, as almofadas, os cinzeiros de latão. No entanto, percutindo malicia, lembrou:

—Só se fôsse um beijo?

—Um ou dois?

—Vou pelos dois...

—Quanto valem?—inquiriu a dama.

—Duzentos mil réis!

—Aceito!

Então, com a maior elegancia, a gentil vendedeira, voltando-se para a matrona, já colérica e apreensiva da patrão, intimou decisiva:

—Entregue ao sr. marquês os dois objectos que ele comprou.

O marquês ficou livido de despeito. Mas, reparando no criado, boquiaberto da scena, acudiu logo:

—Romão! Aceita os objectos e dá o troco...



—Apanhei uma pneumonia no rapido de Hamburgo porque faltava um vidro numa janela.

—E porque não trocou o lugar com qualquer passageiro?

—Era impossivel. Eu ia sózinha na carruagem...

## Leilões de livros

O leilão de livros entrou já no dominio do snobismo nacional. Pouca gente pode chegar aos preços elevadissimos, mas muita gente vai a esses leilões a onhar com a Posteridade, desejosa de ver no dia seguinte o seu nome nos jornais de grade circulação. Portugal, pois, que tem uma assustadora percentagem de analfabetos, interessou-se pelos leilões de livros, como se as estatisticas gritassem bem alto que todos sabem ler.

Porém, desses aglomerados típicos, onde os livreiros, os eruditos e os curiosos se irmanam numa boa camaradagem, resalta uma nota de pitoresco que não deve passar despercebida aos bons observadores. Só ha um meio, um ajuntamento de pessoas em que se notam características identicas: é o das casas de batota: a mesma attenção, a mesma impaciencia e, afinal, o mesmo jogo de roleta. Em vez do dezenove, do vinte e seis, da primeira duzia, do par e do impar: a primeira edição, a encadernação rica, o livro raro, o manuscrito conventual, o paleotipo de quatrocentos!

Na roleta, a anciedade pelo premio é mais fulminante, no leilão de livros, a arrematação da obra custa mais desilusão e aguenta mais tempo de espera! Essa assembleia que se assenta em volta de uma mesa, ou se comprime por acaso pela sala, compõe-se de toda a especie de gente e muitas vezes o individuo que venceu o mair lança *faz figura*, mas joga com o d'neiro que outros lhe deram, pelo comodismo de não irem ao leilão! Outros licitadores pertencem á categoria das pessoas que conseguiram uma enorme biblioteca sem nunca terem lido os livros que ella contem. Coleccionam livros como podiam coleccionar peças de mobiliario ou de ceramica!

Mas tomam attitudes de «entendidos». Alguns deles saberão ler correctamente? Ha tambem os genealogistas que amam os autores da specialidade como o *provarador de vinho* as casas onde se abriu um casco novo.

E os varios *istas*? E' um nunca acabar: garetianistas, camilianistas, anteristas, eçaqueirosistas! Para estes só valem os livros do seu «idolo». Alguns nunca os leram ou leram-nos muito pouco. Eu sei dum camilianis-

ta que compra todas as obras cujos autores tenham o nome de *Camilo*, seja ele ou não o autentico. Outro, da mesma força, espirito evocativo, vai adquirir, para moradia, a estalagem dos Camilos, ali á Praça da Figueira.

Nu.2 recente leilão, um deles adquiriu um livro onde se lia, depressivamente: «Camilo Castelo Branco é um dos escritores portugueses de pior linguagem». Já é admiração pelo Mestre!

Os leilões de livros revelam-nos coisas curiosas. Um exemplo: o sr. conde de Suceña poderia a esta hora, se quizesse, poupar aos livreiros o trabalho de apregoar os livros porque compra quasi todos, de olhos fechados, e só por desfastio deixa que os outros façam algumas compras não superiores a dez escudos... O que os frequentadores dos leilões não sabem é que dentro de pouco tempo vão apparecer competidores de respeito. Lino Ferreira vai adquirir todas as obras que tenham referência á Mouraria e Feliciano Santos á Madragoa. Alvaro de Andrade vai comprar todos os dramas dramaticos franceses desde Luis XI até aos nossos dias, e espera traduzilos durante o anno proximo, para todos os theatros de Lisboa e provincias. Pereira Coelho vai adaptar á nossa lingua, para o genero de *tonadilla*, os versos de Campoamor, que Palmira Bastos cantará em S. Carlos e no teatro de Alcabideche. O critico de arte José de Figueiredo vai proibir a venda nos leilões de obras que se referiram aos pintores primitivos, com excepção da *concorrença*. A par disto, sabe-se que os negociantes de leilões resolveram não vender, de futuro, qualquer publicação de que sejam autores os intellectuais que os frequentam, porque os interessantes não os adquirem e as outras pessoas... não caem nessa! E, como está em moda a falsificação, diz-se que se estão montando, em varios pontos da cidade, fabricas de obras de Camilo, Garrett e Camões, tanto mais que se espera que o Insaituto de Medicina Legal se pronuncie quando os falsificadores já tenham morrido...

N. de B.



—Gostava que o meu pai me dissesse quanto lhe custou o casaco da mulher do Felisberto.

—Que interesse tens tu nisso?

—E' que tenho de comprar um para a mulher do Procopio.

## A CASA DA BOMBA

Eu sou sobrinho de um bombeiro dos de maior nomeada dos ultimos tempos. O meu sangue galego obriga-me a olhar com saudade o tempo da corda e dos achotes dos meus ante-passados, em face da gasolina com energia *galego-cavalar* e a luz dos actuais holofotes.

Esse meu tio foi incontestavelmente um heroi, visto que não se servia de escadas *Magyrus* porque as não havia, e aos habituais telefones equivaliam as badaladas das torres das igrejas.

Trepou a tais alturas por fóra de tão altos predios que, pelo seu heroismo á chamada das torres, lhe deram a *Torre e Espada*, mercê muito bom ganha pelo seu despreendimento, nesses tempos, por dar a sua vida por varias vidas...

Os galegos, bombeiros, etc., gastavam as solas das botas puxando as bombas ou correndo de Santos-o-Velho, da Mouraria, do Regedor, para o Beato Antonio ou Alcantara! Que estirão!

Era, pois, admissivel que em cada casa da bomba houvesse permanentemente um *chumico*, *donde* de permanente.

As meias solas e as cardas succediam-se por tal forma que, se não fossem os novos inventos combativos, o corpo de bombeiros, actualmente, assim como ha o *Deposito Central de Fardamentos*, teria que haver o *Deposito Central de Calçado do Corpo de Bombeiros*.

Mas os tempos mudaram e mudaram por completo.

Hoje, o *pedibus calcantius* *bombardal* desapareceu.

Não sei se o meu colega Gustavo Sequeira foi alguma vez bombeiro, mas, se o foi, creio que ele me ajudará no ped' do de conservar certa reliquia da especialidade que é quasi um monumento nacional.

Trato justamente do sapateiro da casa da bomba, que ainda existe e que tende a desaparecer.

Lá vejo um, cá ao pé da redacção, lá vejo outro em Santa Marta, perto da minha casa.

Não os elimine, sr. comandante, deixe-os para eu me recordar! E, como o *recordar* é *virtu*, consinta que eu tenha mais alguns anos de vida, a olhar para esses laboratorios bipedes falantes, que são um adorno-reliquia em contraste com todos os actuais monstros corredores pintados de vermelho da nossa humanitaria guarda e que farão as delicias dos *touristes* que nos visitam.

E. R. Me.

Reporter B.

## GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da

A unica que possui melhores acomodações a preços reduzidos

Venda de oleos, gasolina e accessorios

Officinas para todas as reparações

Rua Visconde de Santarem, G. G. U. ao Auco do Cego. Tel. 994 N.



—Olha, a Maria manda dizer que já não é *papillon*.

—Que raio será isso?

—Aquilo havia de ser um emprego muito bom porque ella não lhe faltava nada.





## Fitas Faladas

Para alguma coisa me havia de servir, além da honra e do proveito, o ter amamentado o melhor das várias terças partes dos astro cinematográficos e de ter sido o primeiro marido de todas as *estrelas*, não menos cinematográficas, divorciadas. Assim, vou augurar de longe o que vão ser as auspiciosas estrelinhas antes de eu as ver, são sempre auspiciosas. — com que os salões alfaiadas nos assaltarão esta semana e que eu, á hora em que escrevo, ainda não vi.

No Tivoli, entre os suspiros preconcebidos e algumas lagrimas ensaiadas, surgirá ou, melhor, ressurgirá Rodolfo Valentino. Ele voltará a ser, por artes de berliques e do cinema, o mesmo maganão desempenando e amorado, arrancado á idolatria das pintadas que *s'étaient pâmées là-bas devant son cercueil et s'étaient fait photographier évanouies, de trois quarts et de profil*, como disse o decaradão do Dékobra, por uma apendicite tam estúpida como a sua beleza. Esterlicadinho na casaca bordada de *Monsieur Beaucaire*, Rudy parecerá mais bôlo do que nunca. Distribuirá beijos a grand; Bôbô Daniels, a haroldica banhista, Paulette Duval, a eterna Pompadour... de roor, Lois Wilson e Doris Kenyon serão as contempladas, umas á vista do publico, outras nos bastidores. Pela simples razão de ter falecido ha mais dum ano, Valentino não receberá no camarim as suas admiradoras... e admiradores. Muito a proposito, Nicolino Milano tocará a sinfonia: *O val' de Valentino, valente rapaz...*

*Monsieur Beaucaire* vai em excelente companhia. *Loira ou Morena?* Eu, imparcialmente, escolhia as duas... para as não melindrar, e deixava a outra ao Adolphe Monjou, a quem um dia chamaram o *Petronio da tela*, assim como lhe podiam chamar o *André do Grandela* ou o *Picó da Casa Africana*. O que aquilo seja vê-se a olho em trajos menores: beijos na Arlette, beijos na Greta, o costume. Mas, se ela fosse *Nissen*, conheço quem, como a *Marchal*, ia para o *major*...

A proposito de tropa: lá pegaram outra *peça* no Politeama, apesar do Nascimento ter ensinado o Luís Pereira a afugentar o diabo, com aquele *triptico do lugarto*. Ao que parece, desta vez a *peça* é de artilharia; e o *Barqueiro do Volga* lá voltou para a reserva, á espera duma segunda feira propicia. No entretanto, lá foi correndo o *Príncipe Zilah*. O príncipe *azilado*, que é o Genica Missiro, muito comprometido com a barbiça, faz o possível para restituir o juízo e cortar o cabelo á Franco Dhélia, enquanto o Eduardo Romero luso-italiano, anda muito aborrecido por ter que matar o Jean Devalde, que não fez mal a ninguém, e não poder matar o Gaston Roudès, que foi afinal quem fez aquela chuchadeira. Que saudades do Carnaval no Chiado... O argumento resume-se na divisa do *Genica*: — Ou mim ou Menko! — que quer dizer, em hungaro: — Ou sim ou sôpas!...

O Odéon continua e continuará *metrificando-se*. O *Circo do Diabo*, embora não seja explorado pelo Covões, prompto mundos e fundos. Anuncia um grandioso programma: as *atrações*... de Norma Shearer, as ditas de Carmel Myers, o Charles Emmett Mack, que é um grande *numero*, o Jack Maljil, num domador mal domado... um grande *trompe!*

O numero dos trapezios, a queda da protagonista e as scenas finais devem ser... do Christiansen. Mas o *Diabo tece-as*... O *Rei do Bluff* tem um nome a atirar para azar; mas quem *bluffa* é o Owen Moore, e isso basta.

O Olympia está todo grandesas. Programas de vinte o duas partes, das boas. O *Gigante de Aço*, *Vitima de si propria* e *As Receitas do Dr. Jack* é um terço *Paramount*... ar a cavalo nos outros cinemas.

Finalmente, no Central, com *A Iha dos Sonhos*, o Lopes Freire paga... e não *Ufa*.

Retardador.

# Minha mulher

Trecho da novela do grande humorista espanhol Wenceslao Fernandez Florez

Preguntarei até ao ultimo dia da minha vida se não teria procedido ajuizadamente revelando a Herminia que me pesava um crime na consciencia. Minha mulher supôs-me sempre uma boa pessoa, incapaz de fazer mal a ninguém, e, naturalmente, não tinha por mim o menor apreço. Fez e que fez por me supôr um homem de bem. Se aspirais a que uma mulher vos ame profunda e fielmente, aconselho-vos que a façais compreender que sois capazes de todas as violencias e crueldades. Eu conheci um unico marido feliz: o meu amigo João Loureiro. Dir-me-hão, os que conhecem João Loureiro, que ele tem o coração mais bondoso que palpita sobre a terra. E' verdade. Mas João Loureiro soube causar uma impressão bem diferente a sua esposa. Na noite da boda, quando ficaram sós no seu quinto andar, o cáosinho da desposada aproximou-se dele e João agarrou-o delicadamente, atirando-o pela janela. Não o atirou. Colocou-o no espaço. Foi esse o seu gesto. Estendeu o braço sobre a rua e abriu a mão que agarrava o cáosinho. Perfeitamente correcto. Depois, voltou-se sorridente para sua mulher e murmurou, galante e rondido:

— Não queremos testemunhas, não é verdade?

Meia hora depois, quando a encantadora joven suplicou com voz doce, velada do pudor: «paga a luz», João Loureiro deitou rapidamente o braço fóra dos lençóis, abriu a gaveta da mesa de cabeceira, tirou um formidável revolver e... pum!, pum!, voaram as duas lampadas electricas. Foi sempre feliz. A mulher nunca lhe deu o mais leve desgosto.

E' provavel que Herminia n'os tivesse evitado se soubesse que a vida de Hermogenes Picouto se extinguia por minha culpa. Mas eu cometi a tolice de lh'o não dizer. Modestia, medo á sua indiscreção, receio de que não comprehendesse?... Não sei. O caso é que nunca lhe disse nada.

Em rigor, eu não matei Picouto; deixei-o morrer. Separava-me, essa inculcavel distancia que vai dum temperamento a outro temperamento. Ele não suspeitava do meu odio e eu mesmo não sabia onde era capaz de chegar.

Se desempenhei durante um ano o lugar de secretario particular de D. Hermogenes nas horas que o meu emprego official me deixava livre, foi porque a minha situação economica era então desesperada; mas os meus sofrimentos daqueles dias, em que copiava, inclinado sobre a miseravel mesa, a terrivel litteratura de Picouto, as suas cartas recebidas dos mais odiosos lugares comuns, serão, sem duvida, tidos em conta para a expiação dos meus pecados.

Picouto divertia-se pelo Carnaval, estreava um fato no domingo de Ramos, apoiava todas os governos, cumpria todos os editais, não cuspiu no chão e, quando passavam tropas, cumprimentava a bandeira com tão affectuosa untuosidade, como se lhe dissesse:

— Muito gosto em vê-la. Sempre ás suas ordens.

Um dia, que o destino tinha marcado como ultimo de tão aborrecida vida, Picouto convidou-me para o acompanhar a casa. Fui buscá-lo de manhã cedo e encontrei-o metido num fato de caçador de zazueta, espingarda ao hombro, bolsa a tiracolo, uma pena de perdiz no chapéu, um frasco odoroso ás costas e, no cinto, um instrumento que era ao

meu tempo punhal, saca-rolhas, colher, garfo e palito.

— Bons dias—disse-lhe.

— Bons dias—respondeu.—Como está?

— Bem, e o senhor?

— Bem, muito obrigado.

— Tenho muito prazer—murmurei de mau humor.

Não perdoava nem uma sílaba do ritual dos cumprimentos.

O dia estava esplendido o Picouto falou-me das suas viagens, da estadia da Liberdade em Nova York, da torre Eiffel e dos canais venezianos. Tinha visto tudo que deve ser visto pelo perfeito excursionista e falava no mesmo tom dos guias da Agencia Cook.

— As viagens ilustram muito—concluiu.

E depois de uma pausa:

— Sabe quando compreendi claramente a imensa pequenez do homem?

— Sei lá!

— Uma vez que me puz a verter aguas nas cataratas do Niagara—«Que efêmeros são todos os nossos actos»—pensei então.

Olhei-o estupefacto. Era a primeira vez que lhe ouviu uma ideia original, a primeira e a ultima, porque pouco depois surgiu a desgraça.

Picouto cometeu a imprudencia de se colocar sobre uma pedra escorregadia para apontar a um pato. E' certo que eu tropecei com o odioso personagem e o empurrei um pouco, mas não foi intencionadamente. A prova é que, quando o vi cair e enterrar-se no lodo que se estendia a passos pés, senti tal surpresa que não tive força nem para me rir.

— Socorro! Socorro!—ladrou.

Eu tinha-me sobreposto á natural enoção e aproximei-me com precaução da borda do escorregadio penhasco.

— Creia, meu amigo—comecei por dizer...

— Socorro! Socorro!—uivou.

— Se me interrompe—protestei—é impossivel entenderem-nos. Oiga-me. Creia que teria muito gosto em ajudá-lo a sair de ahí, mas não vejo a maneira de o fazer sem comprometer a minha saúde. Além de que não sei onde o senhor queria ir depois, assim tão sujo.

— Socorro!—tornou a gritar, parecendo ter esquecido de que existiam outras palavras.

— Receio muito que esta queda não lhe faça bem, D. Hermogenes. E sendo assim, não quero que nos separemos, sem lhe revelar uma coisa que não lhe devia ter occultado durante tanto tempo. Escute-me, meu amigo, e perdão o grande desgosto que lhe vou dar: a Constituição nunca me inspirou o menor respeito. E' a primeira vez que tenho occasião de desculpar este assunto consigo e gostaria que accedesse agora a uma controversia. Todos os poderes codigos me aborrecem igualmente.

Picouto estava já enterrado até ao nariz.

— Sinto que se retire tão depressa—comentei com ar compungido—porque desejava dizer-lhe algumas coisas importantes acerca do Estado.

Picouto acabou de mergulhar e desapareceu.

— Merra a numeração ordinal!—gritei, como se lhe atirasse uma pedra.

Afastei-me, cacei ainda durante um par de horas e corri depois a dar parte da desgraça á guarda civil.

Tradução de

Perez la chaise.

# BOM HUMOR

Ingenuidade:

—Foste hoje ao cemiterio, Tótó?

—Fui...

—Não entraste?

—Para quê, se ainda não morri?

\*\*\*

—Ganhaste quinhentos mil réis no Casino e não me emprestas cem mil réis?

—Meu filho, jurei não tornar a arriscar o meu dinheiro...

\*\*\*

Ele, lendo o jornal:—Dá gosto ver publicado o que cada um escreve.

Ela:—Alguns artigos?

Ele:—Não! o anuncio da venda do nosso piano...

\*\*\*

Entre marido e mulher:

Ele:—Agora ameças-me de te ires embora com tua mãe...

Ela:—Desculpa, filho. Não te darei esse prazer. A mãe é que vem viver connosco...

\*\*\*

Ela:—Estou muito triste com o meu filho.

Ele:—Porquê?

Ela:—Porque só segue os conselhos dos imbecis. Se o senhor lhe falasse...

\*\*\*

Nas manobras militares:

O soldado:—Perdão, general! Não posso avançar por aqui... Ha um quarto de hora que o matei...

O general:—Silencio! Ha uma hora que mandei fuzilar a columna a que pertences...

\*\*\*

Ele:—Diz o proverbio que os ignorantes repetem as palavras dos sábios?

Ela:—Quem te ensinou isso...

\*\*\*

Ela:—O senhor é muito amavel! Gosta da minha voz?

Ele:—Muito. Tanto mais que sou surdo, minha senhora!

\*\*\*

No atelier dum pintor celebre: O visitante:—Vendeu alguma coisa ultimamente?

O artista:—Sim: uma colcha e um par de sapatos...

## CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magníficos almoços à Franceza JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife á Chic

(especialidade)

Esplendido café

Escolhida frequencia



—Que diabo de mania éo tem de ler os jornais no banho...

—E' para ter noticias mais frescas...



!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO \$800

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa





O que se diz e o que se não deve dizer...

## Burro "amortisseur,, e pára-choques

O quarto acto da grande revista-fantasia *Campeonato de Foot-ball de Lisboa* teve como resultado mais apreciável: *chatear* mutuamente os *supporters* do Benfica e do Caravelinhos.

Além disto, foi notável o *espantante* resultado obtido pelo *Casa Pia*, batendo o *Bom Sucesso* por seto a dois!

Quando o *match* acabou, viu-se o Candido de Oliveira estático e do olhos em alvo—e murmurando:

—*Era assim que tu te sonhavas!*

\*\*\*

A Comissão de Box do Estado de Nova York, após uma sessão solene, acaba de regulamentar a *côr* dos calções dos *boxeurs*.

Do ora em diante, todo o pugilista deverá submeter a *trouxe* ao exame dos membros da comissão, antes de se vestir—para estar perfeitamente em regra.

Supomos que a comissão se propõe exercer também o seu *contrôle* sobre a *côr* das peugas.

\*\*\*

Os *leitores* recordam-se daquele meu amigo automobilista e filósofo que encomendou um carro há três meses e que andava muito contente por ele não chegar à Alfândega?

Dizia ele:

—*Desde a data em que o paguei não tenho gasto gasolina, nem óleo, nem reparações, nem garage. Por conseguinte, resolvi o problema do veículo mais económico do Mundo!*

Mas como tudo acaba por chegar, o auto encomendado acabou por exibir o elegante *copot*—após mais umas semanas suplementares.

Convidou-me para a inauguração.

Demos um passeio curto, até Entre-Campos—passeio tanto mais curto quanto o travão do pedal, apertado demais, estafava o motor.

O automobilista não se alarmou com o incidente. Em vez de clamar contra a falta de cuidado, voltou—devagarinho—ao agente e declarou:

—*Estou-lhe muito reconhecido por me ter limitado a velocidade. Mas como tenho um grande empenho em que o carro só trave quando eu quiser, peço-lhe que mande alargar um pouco os freios.*

Uma critica tão encantadoramente formulada não pode ferir ninguém. Veio um mecânico e o proprio representante dirigiu a operação. Pôs nisso tanta atenção o tanto desejo de ser amavel que o travão, desta vez, acabou por não travar mesmo nada.

O meu amigo verificou isso, á sua custa...

Na Junqueira não pôde resistir ao prazer de acelerar um pouco—*para vér*...

E viu o seguinte:—viu um burro atravessar-se do improviso á frente do carro.

Confiante, o automobilista carregou no pedal do travão—sem, de resto, obter qualquer resultado do ordem pratica. O automovel não afrouxou. E apanhou em cheio o pobre burro, que exalou imediatamente o ultimo suspiro.

Encontrei o meu amigo automobilista e filósofo no dia seguinte. Estava sorridente. Perguntei:

—*Deves ter apanhado um susto...*

—*Sim. Um pouco.*

—*E o carro teve avarias?*

—*Algumas.*

—*Vais ter que pagar também o burro...*

—*Indemnizei o dono, imediatamente.*

—*E... não estás aborrecido?*

—*Euf! Mesmo nada! No fundo, estou até encantado com o acidente. Porque, tu comprehendes, o burro é que serviu, ao mesmo tempo, de amortisseur e de pára-choques.*

\*\*\*

Callizo, o celebre piloto francês que imitou o Alves dos Reis na fabricação em serie de *records* de altitude, vai propôr-se a deputado.

E' facil prevê-lhe uma victoria garantida.

E ninguém deverá admirar-se do que, havendo 8.000 eleitores inscritos

no departamento, Callizo appareça eleito por 52.000 votos...

\*\*\*

Tendo corrido uns estranhos boatos acerca da entrada do conhecido comerciante sr. Virgilio da Fonseca para o *Sporting Club de Portugal* cremos poder afirmar que eles não tem o menor fundamento.

E' absolutamente falso que o *Sporting* pense em inaugurar uma secção de roupas brancas. Por ora, quando muito, limitar-se-ha a uma distribuição de peugas e gravatas.

De resto, a situação do sr. Virgilio da Fonseca é ainda, segundo a autorizada opinião do sr. Mario Duarte:—perfeitamente anfibia.

\*\*\*

Pergunta-nos um leitor qual foi o combate de *box* mais curto, realizo até hoje. (?!!!)

O Rafael Barradas não faz, infelizmente, parte da redacção do *Sempre Fize*. Mas, como é um camarada amavel que se deixa folhear com grande facilidade, encontramos na sua estante 45, volume 1.015, pagina 496—a informação historica precisa:

—*O combate de box mais curto do Mundo teve lugar na America—como não podia deixar de ser—em Nova Orleans, no dia 12 de Setembro de 1893, entre Mic Mac Adam e Pat-O'-Mar.*

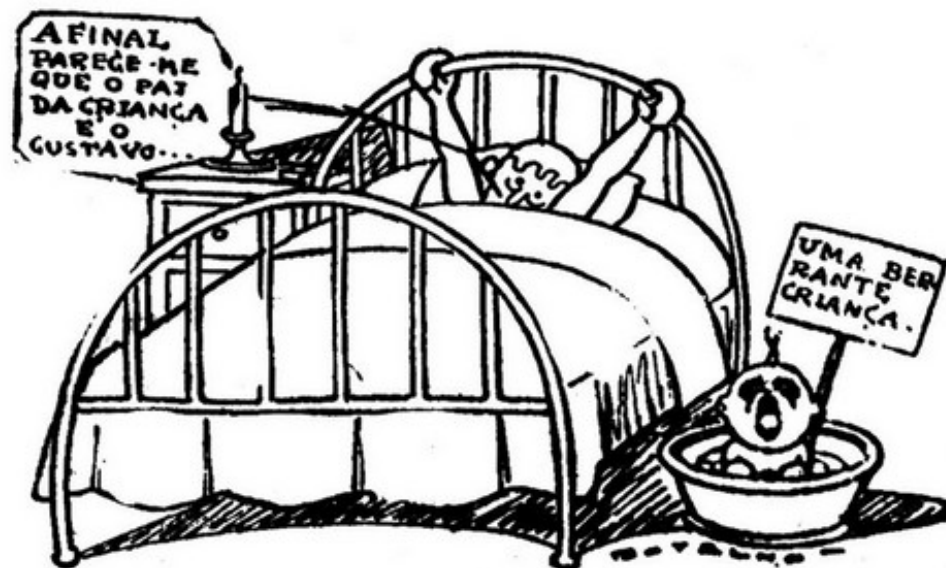
«Acabou ao fim de três segundos e dois quintos, em consequencia duma *panse* do electricidade.»

Rebola-A-Bela.



—*Ena, pai! Com podes tu estar tanto tempo debaixo da agua?*  
—*Estou acostumado. No ano passado, tomava banho na praia onde estava também a banhos o meu alfaiate...*

## O Bom Sucesso



teve o seu mau sucesso...



—*O quê? Tu não sabes nadar? Pois ou também não sei e nem por isso grito dessa maneira.*



# Os "Papos secos" atravez dos seculos

